



Acad. Anderson Akio Shishito
Mestrando em Geografia (IGCE) UNESP – Campus de Rio Claro
akiounesp@gmail.com

O GRAFITE NA PERIFERIA DE SÃO PAULO COMO ELEMENTO DE CIDADANIAS INSURGENTES: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE

OBJETIVO

O objetivo deste artigo é compreender como ações ligadas ao grafite na periferia de São Paulo, podem se tornar mais um elemento de fomento na criação de novas cidadanias. Trata-se de verificar se a ação de grafiteiros nessas frações do espaço possibilitam ou não uma diferenciação na noção de pertencimento da comunidade envolvida com o lugar e como essas manifestações dinamizam os diferentes usos do território. Também é objetivo desse artigo trazer ao debate alguns conceitos utilizados no trabalho de pesquisa do autor, que segue em fase inicial, bem como suas possíveis operacionalizações, buscando, dessa forma, contribuir para um enriquecimento do debate sobre o tema e maior qualidade da pesquisa em andamento.

METODOLOGIA

O presente artigo tem como metodologia a revisão bibliográfica voltada à compreensão de um dos temas que serão discutidos pelo presente autor em sua dissertação de mestrado, que tem, como preocupação central, a análise do uso do território em diferentes espaços grafitados da cidade de São Paulo. Tal pesquisa ainda se encontra em fase inicial e conta com uma visita a campo realizada no Bairro do Grajau, zona sul de São Paulo, com o intuito de estabelecer os questionamentos de nossa pesquisa frente à ação de grafiteiros locais e a comunidade. Mesmo não sendo o objetivo principal do artigo, as informações adquiridas em campo servirão como parâmetro de análise ao discutir as ações dos grafiteiros no Bairro de São Matheus, zona leste da cidade de São Paulo.



INTRODUÇÃO

Destacando que é através do estudo do lugar que o mundo é empiricamente percebido, o presente artigo parte do princípio de que o todo não se explica sem as suas diferentes partes, sendo assim, considera que o espaço geográfico de acordo com Santos (2002), seria “um conjunto indissociável de sistema de objetos e sistema de ações”, sendo também sinônimo de território usado. Entendemos o território usado “como um todo complexo onde se tece uma trama de relações complementares e conflitantes” (SANTOS *et al.*, 2000). Essa noção de território usado é uma ferramenta significativa na tarefa de se analisar sistematicamente a constituição do território na medida em que incorpora na análise, de um lado, as materialidades (ou configuração territorial), as imaterialidades (constituídas pelas ações) e as dinâmicas dos lugares e, por outro lado, às influências das ordens e eventos hegemônicos globais.

Deste modo, na visão de Santos (1994), as ações dinamizam as formas – objetos técnicos e naturais e grandes obras de engenharia – e estas, em revanche, condicionam as ações sociais, ou seja, o espaço é um condicionante social desde que se considere sua animação pelas forças sociais.

Analisando a atuação de grafiteiros na periferia de São Paulo, mais precisamente a ação do Grupo OPNI, que tem como referência o bairro de São Matheus, na zona leste da capital paulista, o presente artigo pretende encaminhar sua análise pautada nas relações entre diferentes materialidades e imaterialidades produzidas por esses agentes e suas aplicações ao território. Para isso, levamos em consideração a interdependência e a inseparabilidade entre a materialidade existente e o seu uso, que inclui o dinamismo da ação humana.

Esses agentes traçam estratégias específicas ao usar o território e o lugar é o portador da efetivação desses usos, sendo assim, apresenta-se como palco da coexistência cruzada entre solidariedades distintas. Concordamos com Carlos (2007, p.18), quando afirma que:

O lugar é entendido como a porção do espaço apropriável para a vida – apropriada através do corpo – dos sentidos – dos passos de seus

moradores, é o bairro, é a praça, é a rua [...]. [...] o lugar é, em sua essência, produção humana, visto que se reproduz na relação entre espaço e sociedade, o que significa criação, estabelecimento de uma identidade [...] que se dá por meio de formas de apropriação [...]. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar se liga indissociavelmente à produção da vida.

Desse modo, ao analisar a ação do Grupo OPNI, no bairro de São Mateus, entendemos que o lugar, além de absorver intrinsecamente as consequências das ações vindas de “fora”, abriga também a necessidade de resistir, ou seja, segue dando voz aos agentes subalternizados que constroem o território usado pela sua ação e concretude nos lugares. Trata-se de tentativas de mostrar como o homem lento¹ pratica o território e assim “desenha” novas cidadanias.

O GRAFITE COMO PARTE DA CULTURA HIP HOP E SUAS DIMENSÕES TERRITORIAIS

O grafite é um fenômeno urbano que compõe e propõe uma relação viva, direta e de fácil assimilação com a cidade. Arte para uns, poluição visual para outros, a evidência é que os grafites já fazem parte do cotidiano urbano dos grandes centros. Sendo o grafite uma forma de expressão genuína do indivíduo que o produz em consonâncias com suas experiências cotidianas, a dialética socioespacial que se apresenta nele o torna importante instrumento de representação da cidade ou das diversas cidades dentro da paisagem urbana. Desse modo, vemos o grafite como um objeto sistêmico para o entendimento da cidade, dentre a diversa gama de materialidades que o compõe.

Apesar de a bibliografia apontar que a história do grafite pode ser contada desde as antigas escrituras encontradas nas paredes de Pompeia - cidade do império romano - (MITTMANN, 2012), passando pelas manifestações políticas dos muros de Paris de maio de 1968 durante as revoltas dos movimentos estudantis franceses (GITAHY, 1999), foi na cidade de Nova York que o grafite ganhou uma estética própria,

¹ O "homem lento" é personagem elaborada por Milton Santos (1994b) em sua discussão sobre técnica, espaço, tempo. Personifica o homem comum, pobre, do lugar, que, no ambiente das metrópoles emergentes, resiste às forças verticais, externas, da globalização.

contestadora e transgressora, que se espalhará como forma e conteúdo para todo o mundo.

Original dos bairros do Bronx, Harlem e Brooklyn - redutos de negros e latinos – o grafite surgiu como um dos elementos da cultura Hip Hop que incorpora dança, música e as artes plásticas à linguagem e necessidades das ruas de Nova York do final dos anos de 1960, denunciando, dentre outros temas, a extrema pobreza, violência, racismo, ausência do Estado e o tráfico de drogas.

No Brasil, a primeira cidade a apresentar essas manifestações - que aqui se convencionou chamar de grafite/pichação² - foi São Paulo. Assim como na França de maio de 1968, as primeiras intervenções desse gênero tinham cunho político e se tornaram importantes instrumentos de enfrentamento aos “anos de chumbo” da Ditadura Civil-Militar Brasileira (1964 – 1985).

Na década de 1970 começaram a aparecer na cidade novas formas de manifestações ligadas ao grafite, tratou-se de pichações poéticas, intervenções pela técnica do *stencil art*³ - com reprodução seriada - e grafites de autopromoção e com motivações comerciais.

Na década de 1980, surgiu uma nova forma de escrita urbana que eclodiu pelas ruas dos grandes centros: a *pixação*. Faz-se importante apontar que diferenciar o grafite da *pixação* exige um esforço que vai além da sua concepção estética. Essa distinção passa pelo tratamento diferenciado que seus respectivos autores acabam recebendo a partir de suas práticas, mesmo que a lei estipule um tratamento semelhante para grafiteiros e *pixadores*. O grafiteiro, diferentemente do *pixador*, principalmente ao longo da última década, conseguiu ampliar a aceitação de sua prática pela cidade, desvinculando-se da imagem de vandalismo à qual muitas vezes esteve associado. Por

² É importante entender, nesse momento, a pichação como toda e qualquer grafia aplicada, de maneira não autorizada, nos mais variados espaços públicos. Dentro deste amplo espectro de pichações (letras, palavras, frases, desenhos, signos diversos), desenvolveu-se uma maneira de escrita em particular, a qual, para diferenciar-se das demais, os “pixadores” adotaram o termo *pixação* com “x”.

³ Essa pichação ganhava vida pelas mãos de jovens da classe-média envolvidos com expressões artísticas compreendidas no campo da vanguarda. Esses jovens experimentavam novas e mais baratas formas de publicização dos seus trabalhos e perceberam na nascente técnica do stencil uma econômica oportunidade de espalhar ideias e expressões poéticas pela cidade (MITTMANN, 2012, p 24).



outro lado, o *pixador* continua sendo reconhecido nos diferentes setores da sociedade como vândalo.

Já nos anos 1990, o grafite ampliou sua presença às periferias, seguindo o rastro da cultura Hip Hop. Assim como os outros elementos desse movimento, o grafite atendeu à vontade de falar às multidões por meio da arte, protestando contra as precárias condições de vida das periferias e subúrbios. No Hip Hop, o grafite é tido como o mais abrangente dos elementos (GOMES, 2012), ele se diferencia dos demais - e de outras manifestações culturais - por dialogar com seu público sem que este o procure.

Nesse cenário fértil e ainda em construção, o grafite brasileiro adquiriu singularidades que são reconhecidas e valorizadas mundialmente e a cidade de São Paulo, em seu papel de condição e condicionante, tem relevância nesse processo, como nos aponta Milton Santos:

o espaço não é um pano de fundo impassível e neutro. Assim, este não é apenas um reflexo da sociedade nem um lato social apenas, mas um condicionante condicionado, tal como as demais estruturas sociais. O espaço é uma estrutura social dotada de um dinamismo próprio e revestida de uma certa autonomia, na medida em que sua evolução se faz segundo leis que lhe são próprias. Existe uma dialética entre forma e conteúdo, que é responsável pela própria evolução do espaço (SANTOS, 1988, p.10).

A ação do grafite nos muros da cidade é um ato que instaura uma linguagem no espaço público. Uma atitude que surge do desencantamento com a imagem habitual da urbe, através do aspecto de uniformidade visual e paisagística. Suas cores revelam o desejo de estabelecer outra realidade, uma realidade paralela, mas tendente a se tornar soberana.

O GRUPO OPNI E SUA ATUAÇÃO NO BAIRRO DE SÃO MATEUS

Formado em 1997, no bairro de São Mateus, Zona Leste da capital paulista, o Grupo OPNI⁴ trabalha a arte e a cultura popular a partir do grafite, da fotografia e da

⁴ Durante sua trajetória a sigla que dá nome ao coletivo já teve diversas conotações tais como, Objetos Pixadores Não Identificados, Os Policiais Nos Incomodam, Ódio Produz Nossa Inspiração e Os Prezados Nada Importantes. Atualmente, o nome do coletivo não pretere definições, significando um grito de guerra pessoal que representa a periferia.



cultura Hip Hop. A partir de aspectos da cultura Afro-Brasileira e atrelado ao cotidiano da comunidade onde cresceram, o Grupo OPNI objetiva expressar, por meio do grafite, a realidade do dia a dia, que os tornavam invisíveis para oportunidades e visíveis ou estereotipados para vários tipos de violências que permeiam as relações nos bairros pobres do Brasil.

Ao longo dos dezenove anos de existência, o Grupo OPNI contribuiu com importantes trabalhos socioculturais para a região de São Mateus. Dentre os mais importantes estão a “ONG São Mateus em Movimento” e a “Galeria a Céu Aberto”, além da participação em importantes eventos de arte no Brasil e no exterior, ressaltando, em seus trabalhos, os olhares e necessidades do cotidiano periférico.

A ONG São Mateus em Movimento, que foi fundada por uma parceria entre coletivos no ano de 2008, conquistou o status de maior articuladora cultural da região, oferecendo, além de apoio para os artistas, cursos e oficinas gratuitos de diferentes linguagens, para crianças e adolescentes. Nestas atividades, além das competências técnico-artísticas, também são abordados uma série de conteúdos transversais, tais como: contexto histórico da região; desigualdade social; drogas; sexualidade; etc.

A Galeria a Céu Aberto é fruto do projeto “Favela Graffitada”, desenvolvido pelo Grupo OPNI desde 2009. O local onde está localizada a galeria é a Vila Flávia, inserido no distrito de São Mateus. Vale ressaltar que o percurso desta galeria incide sobre uma Zona Especial de Interesse Social - ZEIS8. A ideia central do projeto é grafitar todos os muros, cantos, vielas e casas, transformando o bairro em uma grande galeria de arte urbana. Atualmente, a galeria conta com aproximadamente 200 intervenções de grafite. O processo de curadoria das intervenções é desenvolvido pelo próprio Grupo OPNI, que já trouxe para as ruas e vielas da comunidade algumas das principais referências nacionais (Finok, Miau, Zefix, Binho, Chivitz, Minhau, Tika) e internacionais (Shalak - Canadá; Shonis e Aspi - Argentina; Ayslap e Baster - Chile; Sato - Espanha; Beli - Bélgica; Atsuo - Japão; Joel - EUA) do graffiti.

RESULTADOS PRELIMINARES

As ações desenvolvidas pelo Grupo OPNI buscam promover uma transformação mútua entre o lugar e os agentes que lá atuam. Ou seja, dentro de sua escala de atuação,



transformam e interagem no território, proporcionando novas dinâmicas que questionam – direta ou indiretamente – a lógica de organização política a qual estão submetidos, evidenciando uma postura contra hegemônica, de mudança e ressignificação dos territórios. Em contrapartida, os agentes envolvidos transformam-se, pois interagem ao dinamismo desse processo com suas experiências cotidianas, se conectam com outros atores, formam redes e circuitos na produção de novas solidariedades.

Entretanto, a riqueza cultural presente nas regiões periféricas, na maioria das vezes, não é acompanhada por uma infraestrutura urbana adequada. O histórico de abandono por parte do Estado e atual falta de políticas públicas que efetivamente resolvam os problemas presentes nestas regiões, marcadas pela forte presença de assentamentos precários, faz com que as periferias não possuam as melhores condições para a qualidade de vida de seus habitantes e de sustentabilidade para a cidade.

Levando em consideração o contexto supracitado, nota-se que as condições sociais representadas nestas porções da urbe nos evidenciam uma diferenciação na/cidadania dessas populações, expondo-as, muitas vezes, a viver na ilegalidade e perder, assim, acesso a direitos e a justiça. Entretanto, apesar de tamanha desigualdade social, o processo de ocupação das periferias se politizou, estimulou o desenvolvimento de identidades e o sentimento de pertencimento dessas populações, impulsionando a criação de atores coletivos, principalmente movimentos sociais que lutavam pela legalização de suas moradias e melhorias de infraestrutura urbana. Pode-se dizer que, em determinado momento, ampliou-se a cidadania de pessoas que até então, não tinham a possibilidade de expor sua voz e demandas sociais, culturais e políticas.

Como acontece com a maior parte das questões de dominação, a periferia também denota lutas e, para muitos moradores, realizações individuais e coletivas sem precedentes. Esse significado se concentra precisamente nas questões de residência que condenaram as periferias: construções de casas, casa própria, conflitos de propriedade, serviços urbanos ausentes, falta de creches e escolas, prejuízos ambientais e assim por diante – questões que ao longo da história ficaram à margem das arenas políticas tradicionais de homens, trabalho, sindicatos, o Estado e partidos políticos, mas que têm sido de fato mais eficazes na mobilização das classes trabalhadoras na luta por seus direitos de cidadania e no desenvolvimento de novas identidades culturais (HOLSTON, 2013, p. 208).



Desse modo, ressaltamos que o grafite produzido pelo Grupo OPNI no bairro de São Mateus, atua como elo entre as pessoas e o lugar e dessa maneira se torna uma possível ferramenta da criação de uma cidadania insurgente àquela população.

Entendemos como cidadania insurgente (HOLSTON, 2013) as diferentes formas de combate e enfrentamento encontradas nas periferias urbanas frente a “cidadanias de entricheiramento” onde os trabalhadores pobres são forçados a morar nos lugares mais distantes da cidade. A “cidadania insurgente” se forma por meio de movimentos coletivos, que garantem por conta própria sua moradia (autoconstrução), seus serviços essenciais e seus mercados de consumo, ou seja, um direito à cidade por vias próprias que, através de práticas cotidianas, desordenam ou subvertem as agendas do Estado, introduzindo na cidade novas práticas que perturbam ou rompem com categorias normativas e aceitas da vida social. Não obstante, permitimo-nos estender a análise do conceito até a esfera de pertencimento da população de São Mateus através das ações socioculturais ligadas ao Grupo OPNI na região e, assim, como parte integrante da produção do que Milton Santos denominou de solidariedade orgânica, ao significar a força dos lugares. Contudo, entendemos que o grafite desempenha um papel de relevância na transformação desses lugares, bem como, na dinâmica do espaço geográfico consequente e sua representação social das necessidades locais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desse esforço reflexivo pontuamos uma diversificação no uso do território, onde a leitura do território como condição material do Estado moderno permanece fundamental e indispensável, porém, paralelo a esta leitura, emerge uma outra compreensão do território – usado, apropriado, praticado – por outros protagonista, surgindo como elemento interlocutor dos lugares e portador de outras racionalidades, em outras palavras, como expressão fundamental da vida de relações mais próxima da sociedade civil.

BIBLIOGRAFIA

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Lugar no/do mundo**. São Paulo: Labur, 2007.



GITAHY, Celso. **O que é graffiti**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

GOMES, R.L. **Território usado e movimento hip hop**: cada canto um rap, cada rap um canto. 159f. Dissertação (mestrado em Geografia), Universidade Estadual de Campinas, 2012.

HOLSTON, James. **Cidadania Insurgente** : Disjunções da democracia e da modernidade no Brasil. Tradução: Cláudio Carina. Rio de Janeiro, Cia das Letras, 2013.

HOLSTON, James. **Espaços de cidadania insurgente**. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1996, no.24, p. 243 – 253.

MITTMANN, D. **O sujeito pixador**: tensões acerca da prática da pichação paulista. 2012. 125f. Dissertação (mestrado) - Instituto de Biociências de Rio Claro Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2012.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2002.

SANTOS, M. *et al.* **O Papel Ativo da Geografia** – Um Manifesto. Apresentado pelo Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial e Ambiental, do Departamento de Geografia – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP) no XII Encontro Nacional de Geógrafos. Florianópolis, Julho de 2000. **Anais...**

SANTOS, M. O retorno do território. In SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, M. L. (org) **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Anpur/Hucitec, 1994, p. 15-20.

SANTOS, M. **Técnica, espaço e tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994b

SANTOS, M. O Espaço Geográfico como Categoria Filosófica. In: **O Espaço em Questão**. Terra Livre, n. 5, São Paulo, 1988.